O livro trata de um tema caro aos pesquisadores da Antiguidade, o comportamento dos homens em tempos de guerra e paz. Pode-se perceber, nos textos, como a guerra, tema bastante atual, e suas implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, não pode ter seu estudo separado dos tempos de paz. A guerra é ainda um tema recorrente nas sociedades humanas, já que o homem não encontrou outra forma de resolver algumas questões.

(Ana Teresa Marques Gonçalves)

9 788560 695010

ISBN 978-85-60695-01-0 IMP

ISBN 978-85-60696-01-7 LEPAARQ

Guerra e Paz no Mundo Antigo

Pelotas/RS

IMP

Lepaarq UFPel

Guerra e Paz no Mundo Antigo

Organizadores

Fábio Vergara Cerqueira

Ana Teresa Marques Gonçalves

Chimene Kuhn Nobre

Glaydson Jose da Silva

Anderson Zalewski Vargas

Organizadores

Fabio Vergara Cerqueira
Ana Teresa Marques Gonçalves
Chmene Kuhn Nobre
Glaydson Jose da Silva
Anderson Zalewski Vargas

Guerra e Paz no Mundo Antigo

Instituto de Memória e Patrimônio
Laboratório de Antropologia e Arqueologia/UFPEL

Pelotas - RS
2007

Universidade Federal de Pelotas
Reitor: Prof. Antonio Cesar Goncalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Telmo Pagana Xavier
Pró-Reitoria de Administração: Francisco Carlos Gomes Luzzardi
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura: Prof. Vitor Hugo Borba Manzke
Pró-Reitoria de Graduação: Profª Eliana Povoas Pereira Estrela
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Alci Enimar Loeck
Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento: Elio Paulo Zonta

Instituto de Ciencias Humanas
Diretor: Prof. Fabio Vergara Cerqueira
Vice-Diretor: Prof. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

GTHA/ANPUH
(Grupo de Trabalho de História Antiga da Associação Nacional de História)
Coordenação Nacional:
Anderson Zalewski Vargas (07/2003 a 07/2005)
Ana Teresa Marques Gonçalves (07/2005 a 07/2007)

Editoração:
Chimene Kuhn Nobre

Capa:
Paulo Faber Tavares Junior

ISBN 978-85-60695-01-0 Instituto de Memória e Patrimônio (IMP)
ISBN 978-85-60696-01-7 Laboratório de Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPEL)

Dados de catalogação na fonte:
Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

G934 Guerra e paz no mundo antigo / organizadores Fábio Vergara Cerqueira [et al.]. - Pelotas, RS: Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ/UFPel; Instituto de Memória e Patrimônio, 2007.
291p.

1. Mundo antigo. 2. História antiga. 3. Guerras.
I. Cerqueira, Fábio Vergara, org.
II. Título.

CDD 930

Imagem da capa

Mosaico de Alexandre

Proveniência: Pompéia, Casa do Fauno, VI, 12, 2, inventário 10020. (Museu Arqueológico Nacional de Nápoles)

Sumário

Apresentação 11
Prefácio 15
Introdução 19

Entre a Paz e a Guerra: os Preparativos Militares

O Trompetista, um Músico entre a Paz e a Guerra
Fábio Vergara Cerqueira 29

Repensando a Violência dos Espetáculos Romanos: O Caso dos Gladiadores
Renata Senna Garraffoni 53

El Aporte de la Arqueología para el Estudio del Abastecimiento Militar: la Britannia Romana
César Carreras e Pedro Paulo A. Funari 63

Exército, Disciplina e Barbárie no Baixo Império: Flávio Vegécio e a Defesa das Tradições Militares Romanas
Gilvan Ventura da Silva 75

Em Tempos de Guerra: os Confrontos Bélicos e seus Efeitos

Kadesh: Guerra, Paz e Legitimidade no Reinado de Ramsés II
Julio Gralha 89

Guerra, Stasis e Natureza Humana na Guerra dos Peloponésios e Atenienses de Tucídides
Anderson Zalewski Vargas 99

Da Batalha de Carrhae ao Período Severiano: Querelas entre Romanos e Partos
Ana Teresa Marques Gonçalves 115

Cenas de Guerra: o Exército Romano e as Moedas do Século IV
Cláudio Umpierre Carlan 129

Em Tempos de Paz: entre a Política e a Diversão

O Banquete do Rei e a Política nos Tempos de Paz
Kátia Pozzer 139

De Algumas Formas Antigas de Comunicação: Poder e Espaço a partir dos "telégrafos luminosos" gregos (séc. V a.C.)
Rafael Faraco Benthien 153

Plutarco e a Prática do Suborno na Atenas de Péricles
Maria Aparecida de Oliveira Silva 185

Imagens de Banquete Romano: uma Análise Comparativa entre o Discurso Contemporâneo e o Antigo
Regina Maria da Cunha Bustamante 203

Pequenos Impérios e Sociedade na Roma Imperial
Fábio Faversani 223

A Guerra e a Paz na Antigüidade: visões antigas e modernas

As concepções de Guerra e Paz na China Antiga
André Bueno 241

Antigüidade e Modernidade: o nascimento de Vercingetórix na escrita da História francesa após 1789
Glaydson José da Silva 257

A história militar na Roma Antiga e o testemunho de Amiano Marcelino
Margarida Maria de Carvalho e Pedro Paulo Abreu Funari 281

PREFÁCIO

O estudo da guerra, dos conflitos e dos exércitos, no mundo antigo, tem longa tradição. A própria historiografia antiga surgiu para tratar da Guerra entre Gregos e Persas, com Heródoto, ou entre os próprios gregos, com Tucídides. O moderno gênero historiográfico, em busca do passado "como propriamente aconteceu[1]", tampouco descuidou de preocupar-se com o conflito bélico, na esteira de Heráclito e seu *polemos pater panton*[2]. Atentos aos escritores antigos e à sua atenção onipresente à guerra, a nascente historiografia científica retomava o gosto não só pelo tema, como pela maneira de tratar tais vicissitudes. O estilo rankeano fundava-se na *inconcinnitas* das descrições de batalhas em Tucídides, Salústio e Tácito. A paz, como interlúdio das contendas, aparece, tantas vezes, como epifenômeno que prenuncia a guerra. A maior de todas essas pausas, a *Pax Romana*, ainda que *eirene*, não era senão uma paz armada, sempre a combater nas fronteiras, na expectativa da explosão de *bella civilia*[3]. Guerra e Paz, antinomias aparentes, aparecem sempre correlacionadas, partes de um continuum.

Nas últimas décadas, multiplicaram-se as críticas aos modelos normativos de estudo da sociedade, no presente e no passado. A homogeneidade social - marcada como modelo a ser imposto pelo estado nacional - foi desmascarada pelo multiplicar-se das identidades sociais e pelos conflitos resultantes. Surgiram no cenário social gêneros e classes sociais, grupos religiosos ou étnicos, em luta constante. Multiplicaram-se, por conseqüência, os estudos de Sociologia do Conflito ou de Antropologia das Identidades, em busca da compreensão desse esfacelamento dos modelos normativos. No estudo do passado, os estudos sobre as narrativas historiográficas tornaram-se comuns, em busca da desconstrução das modernas interpretações sobre os antigos. O predomínio da fonte escrita foi

---

[1] *Wie es eigentlich gewesen*, na famosa formulação de Leopold Von Ranke, de 1823.

[2] Cf. Angelo Tonelli, *Eraclito, Dell'Origine, traduzione e cura di Angelo Tonelli*. Milão, Feltrinelli, 2005; P.P.A. Funari, Resenha de Angelo Tonelli, Eraclito, 01/08/2006, Trans/Form/Ação, v. 29, 2006, p. 147-148.

[3] Cf. *Res Gestae Divui Augusti*, 3, *bella terra et mari civilia externaque toto in orbe terrarum saepe gessi*.

questionado pelo reconhecimento da existência de discursos materiais ou icônicos que não apenas não se subordinavam à tradição literária, como permitiam uma outra narrativa[4]. Por fim, mas não menos importante, os temas canônicos passaram a ser tomados como constituintes de um conjunto mais amplo, nos quais o cânone não tem posição de destaque, mas se encontra no meio de um turbilhão[5].

O estudo da guerra, em geral, e da guerra antiga, em particular, não poderiam deixar de ser afetados por essas novas condições sociais e epistemológicas de nossa época. Como ressalta Harry Sidebottom[6], os temas do estudioso interessado nas guerras antigas abrangem, hoje, as identidades dos soldados, suas auto-definições sexuais, suas subjetivações como membros de comunidades prenhes de conflitos internos e externos. Victon Davis Hanson aparece não apenas como grande estudioso do tema, autor de um dos maiores best-sellers sobre a guerra antiga de todos os tempos[7], mas também, ou mais que tudo, como formulador das estratégicas do Pentágono, com destaque para a Guerra do Iraque (a partir de 2003)[8]. A invenção do guerreiro ocidental, tema nada canônico, está no centro dos estudos sobre a guerra na Antigüidade, assim como está a logística, apenas aparentemente tão distante, em seus aspectos comezinhos, dos grandes heróis e das grandes batalhas. De fato, não se pode conceber Alexandre ou Júlio César sem sua preocupação com o abastecimento, assim como nada seriam sem a subjetivação da *andréia*: ninguém combate sem estar abastecido no corpo e na alma.

É neste contexto que podemos entender este volume, edição conjunta do Laboratório de Antropologia e Arqueologia do ICH/UFPEL e do Instituto de Memória e Patrimônio (IMP). A produção brasileira sobre a Antigüidade ampliou-se, de maneira exponencial, nos últimos anos, destacando-se sua inserção na

[4] P.P.A. Funari; A. Zarankin; E. Stovel. *Introduction. In:* P.P.A Funari; A. Zarankin; E. Stovel. (Org.). Global Archaeological Theory. Nova Iorque: Sprinber. 2005. v., p. 1-9.
[5] Pedro Paulo A Funari. Poder, História e Historiografia em uma perspectiva crítica 01/07/2006. *In:* Élio Cantalício Serpa; Marlon Salomon. (Org.). Escritas da História: cultura e política. Goiânia: Editora da UCG. 2006. v., p. 175-182.
[6] *Ancient Warfare* Oxford. Oxford University Press. 2004. *passim*.
[7] *The Western Way of War. Infantry Battle in Classical Greece*. Alfred A. Knopf. 1989.
[8] Cf. Pedro Paulo A Funari. Guerra do Peloponeso. *In:* Demétrio Magnoli. (Org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto. 2006. v., p. 18-45.

discussão internacional. Projetos de pesquisa com instituições estrangeiras, trabalhos arqueológicos de campo conjuntos, livros publicados em diversos países, assim como artigos nas mais prestigiosas publicações internacionais atestam esse amadurecimento[9]. As pesquisas sobre a guerra e a pax não deixaram de acompanhar esse movimento. A partir de quatro grandes eixos temáticos, articulam-se as discussões:

- Entre a Paz e a Guerra: os Preparativos Militares
- Em Tempos de Guerra: os Confrontos Bélicos e seus Efeitos
- Em Tempos de Paz: entre a Política e a Diversão
- A Guerra e a Paz na Antigüidade: visões antigas e modernas

Na esteira das questões epistemológicas acenadas, são abordados temas como a música, a violência, a logística ou a contraposição civilização/barbárie, como parte dos *praeambula belli*. Músicos e gladiadores, legionários e teóricos, são partes das narrativas entre a paz e a guerra. Os confrontos bélicos aparecem relacionados a identidades religiosas e étnicas, assim como à administração. Os interlúdios pacíficos englobam as subjetivações das hospitalidades, assim como da semiótica, mas também a irrupção da dinâmica da guerra na gestão da vida pública, na forma do pagamento de um soldo *ad corrumpendum*. A corrupção aparece como narrativa de outra época, mas que molda as percepções. Por fim, as interações entre as narrativas modernas e antigas merecem reflexões que mostram a importância da desconstrução historiográfica. Este volume, surgido de um esforço coletivo, representa bem os avanços da historiografia brasileira sobre a guerra na Antigüidade.

Pedro Paulo A Funari
Professor Titular de História Antiga
Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos/UNICAMP
Líder de Grupo de Pesquisa do CNPq

[9] Cf. Pedro Paulo A. Funari, com referências. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. *Journal of European Archaeology*. Londres. v. 5. n. 2. 1997. p. 137-148.

El aporte de la Arqueología para el estudio del abastecimiento militar: la Britannia Romana

César Carreras[27] y Pedro Paulo A. Funari[28]

Resumen: *El capítulo trata de la evidencia arqueológica como elemento para la comprensión del abastecimiento militar romano. Empieza por discutir temas de historia económica, para volverse a un estudio de caso: la Britannia romana. Concluye con el destaque para la evidencia arqueológica para el estudio del tema.*
Palabras-clave: *Arqueología – Britannia Romana – Abastecimiento Military*

* * *

Introducción

La cooperación arqueológica entre instituciones brasileñas y españolas, aunque fechadas de las últimas décadas solamente, ha producido ya resultados significativos y las publicaciones brasileñas en las revistas españolas de Arqueología ya no son tan raras[29]. La Universidad de Barcelona, por medio del CEIPAC[30] (www.ub.es/ceipac), y la Universidade Estadual de Campinas, por medio del CPA y NEE[31] (www.unicamp.br/nee/arqueologia), colaboran, hace mas muchos años, en el estudio del abastecimiento militar romano, con la publicación de libros y artículos científicos[32], reseñados por estudiosos de diversos países, como ingleses y franceses[33]. Para los colegas del GT de Hitoria Antigua de la ANPUH, apresentamos un estudio de caso, resultante de esa cooperación, sobre el abastecimiento militar en la Britannia

---

[27] Universitat Operta de Catalunya.

[28] Departamento de História, IFCH, UNICAMP, investigador asociado de la Universidad de Barcelona.

[29] E.g. Funari 1993; Funari y Zarankin 1991; Funari 1994; Funari 2000.

[30] Centro para el estúdio de la interdependencia provincial en la antigüedad clásica.

[31] Centro do Pensamento Antigo e Núcleo de Estudos Estratégicos.

[32] E.g. Funari 1996; Carreras y Funari 1998; Berni 1997; Revilla 1998; Oscáriz 1999; Funari 2001.

[33] E.g. Fitzpatrick 1998; Laubenheimer 1999; Onken 1999; Mirse 1999; Hidalgo de la Vega 1999; Williams 1999.

romana, resultado del estudio de materiales arqueológico custodiado en museos de Gran Bretaña y estudiadas por los autores.

El consumo de aceite y la historia económica a partir de la Arqueología

La historia económica del mundo antiguo se há desarrollado en estas últimas décadas, en especial gracias al aporte de los datos económicos sacados a partir de los vestigios materiales estudiados por la Arqueología. En este artículo, partimos de un estudio de caso sobre la distribución de aceite español en la provincia romana de Britannia, en los primeros siglos de nuestra era, para subrayar la importancia de mecanismos económicos y extra-económicos, o políticos, en la circulación de productos en el mundo antiguo.

El abastecimiento de diferentes productos de consumo, como el aceite de oliva, no siempre fue gobernado por las fuerzas del mercado, y el Estado, entonces, debió jugar un papel determinante. Un departamento especialmente importante del Estado, en este ámbito, era la *Annona*. La *ratio annonaria*, desde el Principado probablemente, controlaba el abastecimiento de los establecimientos civiles y militares, gracias a los *procuratori augusti*, que ayudaban con su gestión provincial la labor del *praefectus annonae*, que reunía la administración de los fondos provenientes del *fiscus*, *aerarium saturni* y cajas provinciales (REMESAL, 1990: 58).

El estudio del consumo de aceite en diferentes áreas del Imperio a través del análisis estadístico es posible por medio del análisis de las ánforas. Las ánforas Dressel 20 fueron producidas por mas de docientos años, entre Augusto y Galieno, y llevaban inscripciones pintadas y sellos. Estas informaciones epigráficas permiten un estudio muy detallado sobre el transporte de aceite español a los diferentes puntos de Imperio Romano. El tipo Dressel 20 fue producido en cerca de, al menos, 100 centros diferentes del valle del Guadalquivir. El estudio de los sellos de Dressel 20, ha proporcionado una serie de monografías en las que se observa una cierta coincidencia. A pesar de que el número de sellos es limitado, los modelos de consumo en la *Gallia* noreste, *Germania* y *Britannia*, no son explicables por una simple casualidad.

La especial distribución de las ánforas Dressel 20 en *Britannia* y, en general, en el Occidente del Imperio Romano han llevado a replantearse la

existencia de distintos mecanismos de intercambio responsables de estas distribuciones. Con similares motivaciones, ya la escuela substantivista había definido una primera clasificación de los distintos tipos de intercambio (reciprocidad, redistribución y mercado) (POLANYI *et alii*, 1957; POLANYI, 1977), a partir de evidencias etnográficas, que no se atenían a un sistema de mercado, que era hasta el momento el único modelo reconocido.

El aceite de oliva era un producto completamente desconocido hasta los primeros contactos entre las comunidades de la Edad del Hierro británicas y el mundo romano. La temprana presencia de ánforas de aceite de oliva antes de la conquista romana, en el 43 d.C., es meramente simbólica, expresando el escaso interés de las poblaciones nativas por este producto. Sin embargo, esta imagen cambia radicalmente con la llegada de las tropas romanas ya que el aceite de oliva, se convierte en el producto más corriente transportado en ánforas, como indica la importante presencia de ánforas Dressel 20, que transportaban aceite de la provincia romana de la Bética (sur de España). La nueva situación no sólo es el resultado de inmigraciones y procesos de aculturación, sino la creación de un mecanismo de intercambio original, un sistema redistributivo. El sistema redistributivo permitió al ejército romano el abastecimiento de un producto que era de difícil obtención en cantidades importantes en los mercados locales de la provincia. La complejidad de tal sistema se asume completamente en la distribución diferenciada de los sellos anfóricos dentro de la provincia y entre *Galia*, *Germania* y *Britannia*; que sugiere un vínculo directo entre zonas de producción y destinaciones finales.

Arqueológicamente, el consumo de aceite bético en *Britannia* se concentra en los lugares ocupados por las tropas romanas en cada uno de los periodos cronológicos. A partir de los distintos datos con distribuciones de sellos de Dressel 20 para cada época, se observa esta vinculación entre la localización del ejército y el hallazgo de restos de ánforas destinadas al transporte de aceite bético, como vamos a ver en este artículo.

Se conoce, a partir de la distribución de otros tipos de ánforas en *Britannia*, que existe un sistema de mercado responsable del comercio de la mayoría de estos envases desde el momento de la conquista; sólo las ánforas Dressel 20 constituyen una excepción, ya que presentan su propia distribución.

No obstante, las ánforas olearias que substituyen a las Dressel 20 vuelven a presentar una distribución similar a la mayoría de ánforas, que revela su participación en un sistema de mercado. Por lo tanto, todo parece indicar que las Dressel 20 se intercambiaron a través de un mecanismo alternativo con la activa intervención del Estado, en otras palabras, lo que se conoce como un sistema redistributivo del cual existe algunos ejemplos documentados en el mundo romano (*annona, frumentatio*).

Admitiendo la existencia de este mecanismo de intercambio alternativo, se ha pretendido describir su posible estructura con la ayuda de las evidencias proporcionadas por la epigrafía tanto anfórica (sellos y *tituli picti*) como lapidaria. La localización de ciertas inscripciones funerarias dedicadas a personal administrativo en Britannia (*procuratores, beneficiarii, stratores*) sirven para sugerir una forma de organización del control y transporte del aceite bético en la provincia, antes de alcanzar directamente la esfera de administración militar, que lo almacenaría en función de sus propias necesidades logísticas.

Por otro lado, la documentación de los *tituli picti* (inscripciones pintadas) hallados en las ánforas nos identifican algunos de los comerciantes o transportistas de este aceite a *Britannia* y permiten plantear la hipótesis de una posible especialización de familias o sociedades comerciales en el intercambio con determinadas provincias. En realidad, esta visión viene confirmada por el análisis estadístico de la distribución de los sellos en *Britannia*, y a su vez su comparación con los sellos de Dressel 20 hallados en *Germania* y *Gallia*. De las conclusiones extraídas en este estudio destaca la evidente relación entre lugares de producción (*figlinae* béticas, *conuentus iuridici*) y los centros de consumo, demostrando la existencia de circuitos comerciales provinciales, posiblemente cerrados a grupos restringidos de comerciantes o sociedades, que adquirirían el aceite de regiones de producción concretas. Esta compartimentación del intercambio a larga distancia en época romana, hasta cierto punto lógica, constituye una de las aportaciones de esta investigación, y amplia el conocimiento que se tenía hasta el momento de la naturaleza del comercio en la antigüedad.

A medida que se iba avanzando en el estudio del comercio de aceite en *Britannia* y en la reconstrucción de los mecanismos de intercambio, aparecían una serie de interrogantes cuyas respuestas se alejaban de los planteamientos estrictamente económicos o políticos esgrimidos hasta entonces. En primer lugar, se había observado que la población a la que se destinaba preferentemente el aceite de oliva era militar y, por lo tanto, en buena parte de origen meridional y mediterraneo. En segundo lugar, a tenor de los costes que suponía el transporte del aceite hasta una provincia tan alejada como *Britannia*, resultaba sorprendente el esfuerzo que había realizado el Estado para asegurar su aprovisionamiento. Aunque la creación del sistema responde a una iniciativa política, en la que participan los círculos próximos al emperador, no cabe duda que existe una justificación social para la existencia de un sistema tan complejo. Este el tema de este artículo.

El consumo de aceite en la Britannia romana

El comercio del aceite hispano en la provincia romana de Britannia fue sumamente importante y alcanzó rotas, difícilmente superadas en otros periodos históricos. Para explicar las causas de esta importación masiva de aceite en época romana, se debe analizar en detalle la pauta de distribución de las ánforas béticas. Con este objetivo, en principio, se ha estudiado las densidades de sellos de Dressel 20 de acuerdo con el tamaño de cada asentamiento, con ello se pretendía homogeneizar los valores y contabilizar el consumo de aceite por habitante en cada lugar. También se han definido estudios de densidades de sellos para distintos períodos cronológicos, con el ánimo de ilustrar los cambios en la distribución de las Dressel 20 a lo largo del tiempo.

Por último, se ha estudiado las densidades a partir de los pesos de fragmentos de Dressel 20 hallados en 104 asentamientos romanos y divididos por la extensión del área excavada de la cual provienen. Esta evidencia permite demostrar que las deducciones obtenidas de la epigrafía anfórica, coinciden, en general, con las cantidades de Dressel 20 distribuidas en *Britannia*.

La primera conclusión que se obtiene con la visión de los datos publicados por Carreras y Funari (1998) es que, a pesar de documentar la presencia de Dressel 20 en toda la provincia, las concentraciones y localización

de éstas se deben, principalmente, al consumo militar. Las más altas densidades de sellos de Dressel 20 se registran en la zona militar, así como las mayores concentraciones de densidades de fragmentos de Dressel 20, hecho por supuesto lógico. Pero el resultado es áun más convincente en los datos de secuencias temporales de densidades de sellos. La cronología de los sellos revela altas densidades en las zonas ocupadas por las legiones romanas, para cada uno de los periodos definidos, desde la conquista de Claudio a el gobierno de Galieno. En los primeros tiempos de la conquista, en época de Claudio y Nerón (43-68 d.C.), la mayor parte de las ánforas Dressel 20 se distribuyen en las zonas ya pacificadas en el sector SE, principalmente Richborough y Colchester. Ambos asentamientos tuvieron una función clave en las primeras fases de la conquista, como demuestra el hecho de que fueron el cuartel general de la flota, *Classis Britannicae*, y un campamento legionario temporal (circa 43-49 d.C.) respecticamente.

El segundo periodo cronológico comprende desde la dinastia flavia hasta el gobierno de Trajano (68-117 d.C.), en que, bajo el gobierno provincial de *Q.Petillius Cerialis*, *S.Iulius Frontinus* y *C.Iulius Agricola*, la provincia de *Britannia*, tras la pacificación de la zona central galesa, extendió su frontera norte hasta las Lowlands en Escocia. Estos movimientos del ejército se documentan claramente a través de los datos de densidades de sellos, que revelan altas concentraciones en el norte de Gales, la costa nordoccidental y el istmo que forman los ríos Tyne-Solway, que eran las zonas de ocupación militar en ese momento. Además, estas altas densidades se complementan con las registradas en Richborough, todavía cuartel general de la *Classis Britannicae*, y, además, en los asentamientos civiles del sector SE (Londres, Colchester).

En época de Adriano y Antonino Pio (117-160 d.C.) se documenta la construcción de dos muros en los istmos de los ríos Tyne-Solway y Forth-Clyde, donde se establecen las nuevas fronteras. De nuevo, los estudios de densidades de sellos revelan la activa presencia del ejército en el norte de la provincia, con una significativa concentración en el muro Antonino (Forth-Clyde). Otras altas densidades se registran a lo largo del muro Adriano (Tyne-Solway), en la costa noroeste alrededor de Chester y Richborough. Estas concentraciones de sellos, en

las zonas militares, contrastan con la baja representación en las áreas civiles, que refuerza la idea de un aprovisionamiento preferentemente militar.

El abandono de la frontera del muro Antonino arqueológicamente estudiada en base a la *terra sigillata*, monedas o inscripciones, puede también ser analizado a través de los sellos de Dressel 20. Este periodo que ocupa el principado de Marco Aurelio y Comodo (160-192 d.C.) denota la ausencia de importaciones de aceite de oliva más allá del muro Adriano, que se convierte de nuevo en la última frontera norte, con la única excepción de Newstead, campamento que también está ocupado en estas fechas. Las altas densidades de este periodo se documentan en el muro Adriano, así como Richborough y Caerleon, en este último caso revelan una segunda fase de ocupación de la zona galesa tras posibles revueltas indígenas.

Por último, el periodo entre Septimio Severo y Póstumo (192-259 d.C.) muestra altas concentraciones en las Lowlands escocesas (Crammond, Carpow) que identifican las campañas severianas en la región. La segunda concentración se halla en el muro Adriano que constituye de nuevo la frontera más septentrional desde Caracalla en adelante. Además otros establecimientos militares como Ribchester, Ilkley, Chester y Richborough representan altas densidades.

La suma de todos estos estudios parciales representa la distribución global de densidades de sellos que muestra tres áreas diferenciadas. En primer lugar, la zona militar, limitada al Sur por los ríos Severn y Humber, exhibe una distribución regular de sellos de Dressel 20 en todo el territorio. Segundo, la región Sudeste revela otra concentración afectando básicamente Richborough, que además puede responder a las altas densidades de población civil de la región en general (centros como Londres, Colchester, St.Albans, Canterbury). Entre ambas zonas, existe un territorio con densidades sumamente bajas.

Esta misma división en tres zonas, se registra en la distribución de densidades del ánfora Dressel 20, a partir del peso de los fragmentos hallados, aunque también incluye una alta densidad en la región sudoeste alrededor de Exeter. Este segundo estudio también proporciona una imagen detallada de las posibles relaciones jerárquicas entre asentamientos: las mayores

concentraciones se observan en centros con posibles funciones militares (Londres, Mucking, Exeter, Chester, York, Carlisle y Corbridge), mientras que hay densidades menores en centros secundarios. La mayor densidad se registra en Exeter, que podría deberse a su localización como punto de destino final de las rutas comerciales marítimas occidentales, aparte de los principales yacimientos que presentan altas densidades, la zona muestra una evidente regularidad. En la provincia, no parece que el coste del transporte influenciara en absoluto la distribución de las ánforas, sino el número de tropas estacionadas en cada campamento. Las cuatro excepciones a esta pauta general son los campamentos legionarios de York y Chester, que concentraban funciones especiales de carácter logístico y administrativo, así como los depósitos militares de Corbridge y Carlisle. Ambos yacimientos registran la presencia de almacenes que, posiblemente, se reservaban para guardar, entre otros productos, las ánforas de aceite de oliva, ya que sus excavaciones han proporcionado altísimas densidades de Dressel 20 y ánforas nordafricanas.

A tenor de la evidencia arqueológica, resulta obvio que la pauta de distribución de las ánforas olearias béticas no responde al típico sistema de mercado. Se debe recordar que en un sistema de mercado se practica la minimización de costes de transporte, lo cual favorecería la concentración de productos en lugares que supondrían bajos costes de distribución (p.e. puertos del sur de *Britannia*). No obstante, éste no es, en absoluto, el caso de las ánforas Dressel 20 en *Britannia*.

En la provincia, la administración militar se hallaba bajo directo control de los *procuratores* (Estrabón, 3.4.20; Plinio, Epist 5.27) que eran los responsables de distribuir las mercancías a las tropas. Si una institución pública era la responsable de la distribución del aceite bético en *Britannia*, resulta conveniente analizar con más detenimiento la localización del personal administrativo. Se conocen un total de diez *procuratores* en *Britannia*, el primero de los conocidos fue *Decianus Brutus* que aparece en el momento de la revuelta de *Boudicca* (60 d.C.).

La base de operaciones de los *procuratores* se estableció en Londres, una vez sofocada la rebelión indígena dirigida por *Boudicca*, como demuestra

el enterramiento de *C. Iulius Alpinus Classicanus*, sucesor de *Decianus Brutus*, en esta ciudad. Además, se documenta su continua presencia en este asentamiento según una tablilla firmada con *Proc. Brit. dederunt* (proclamado por los procuradores de *Britannia*) hallada en las excavaciones de la ciudad. Aunque existen otras inscripciones de *procuratores* para *Britannia* tanto fuera como dentro de la provincia, Londres parece haber mantenido su función como principal centro de operaciones hasta la división final de la provincia en el Bajo Imperio. Como ya se ha mencionado, la localización de esta oficina puede explicar las altas densidades de sellos de Dressel 20 hallados en Londres en época temprana.

El personal subordinado de los *procuratores*, desde Londres u otro punto de la provincia, debían haber realizado un seguimiento de los suministros militares provenientes de otras provincias, realizando ellos mismos los correspondientes controles. Una vez el aceite alcanzaba la provincia, éste era controlado por las autoridades locales y asignado a un campamento militar. Es poco probable que los comerciantes interprovinciales, aquellos que habían transportado el aceite desde la provincia de origen, fueran responsables de la distribución final, sino transportistas locales o personal militar. De hecho, esta posibilidad parece bastante razonable, ya que el personal militar se hallaba en los principales núcleos de comunicación de la provincia. Por consiguiente, las ánforas serían seguramente transportadas en barco hasta los centros estratégicos de la frontera Norte (York, Carlisle, Chester, Corbridge) tras una probable escala inicial en Richborough, y después una distribución final por vía terrestre. Otra alternativa consistiría en transporte terrestre a través de la red pública, *cursus publicus*, bajo el control del personal administrativo como *beneficiarii* y *stratores consulares*.

La última escala, en la red militar, era la asignación local de provisiones bajo la responsabilidad de los oficiales y personal auxiliar (Vegetius, *mil.* 2.25) (*praefectus castrorum, primus pilus, signifer, optio*). Esta organización tan compleja requería de deducciones de las pagas de los soldados (*stipendia*) (*P.Gen.Lat.* 1; *RMR* 68; 69) en concepto de alimentación (*in victum*), probablemente destinadas, entre otras cosas, al pago del consumo de aceite de oliva. Es remarcable que sólo una de las tablillas de *Vindolanda*

(Tab. Vindol. II, 203) conteniendo listas de alimentos adquiridos a mercaderes locales, incluyese aceite de oliva, a pesar de que las ánforas Dressel 20 son el envase mayoritario en el asentamiento. Su escasez puede ser perfectamente explicable dentro de la red redistributiva que no requería la compra de aceite a comerciantes locales en la provincia de *Britannia*

Conclusión

Es posible concluir, pues, que la Arqueología constituye importante medio de investigación de la economía romana y, como parece mostrar este estudio de caso, ella era muy compleja, con mecanismos de mercado y de redistribuición a la vez. La historia económica antigua no puede ser comprendida sencillamente con la utilización de los modelos usados para estudiar el capitalismo, aunque tampoco sea posible ignorar la existencia de un mercado, mas o menos libre, pero siempre relacionado con el Estado. La cultura material permite conocer detalles de la vida económica antigua muy poco presentes en las fuentes literarias y, en análisis conjunta con la documentación escrita, constituye una avenida de investigación con mucho campo para expandirse.

Agradecimientos

Somos muy agradecidos a los seguintes colegas: Robin Birley, Alan Bowman, José Remesal y J.D. Thomas. La responsabilidad por las ideas, con todo, es de los autores.

BIBLIOGRAFÍA

BIRLEY, Robin *The Roman Documents from Vindolanda*. Newcastle: ARP, 1990.
BOWMAN, Allan K., THOMAS, J.D., & ADAMS, J. N. Two letters from Vindolanda. *Britannia* 21, 1990: 33-5.
BÜRGE, Alfons. Der mercennarius und die Lohnarbeit. *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*. 107, 1990: 80-136.
CARRERAS, C. & Pedro Paulo A. FUNARI. 1998 *Britannia y el Mediterraneo: estudios sobre el abastecimiento bético y africano a Britannia*. Barcelona. Universidad de Barcelona. 410 pp. ISBN 84 475 1950 3.
CARRERAS, César y FUNARI, Pedro Paulo A. *Britannia y el Mediterraneo: estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia*. Barcelona: Editorial de la Universidad de Barcelona. 1998.

D'ARMS, John. *Commerce and Social Standing in Ancient Rome*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.
DE SALVO, Lietta. *Economia privata e pubblici servizi nell'Impero Romano. I corpora nauiculorum*. Messina, 1992.
FINLEY, Moses I. *The Ancient Economy*. Londres, 1973.
FITZPATRIC, Andrew 1998 Review of "Dressel 20 inscriptions from Britain and the consumption of Spanish Olive Oil", Britannia, 29, 1998, 476-7.
FULFORD, Michael. The economy of Roman Britain, en M. Todd (ed.), *Research on Roman Britain, 1960-1989*. Londres, 1989: 175-201.
FUNARI, Pedro Paulo A 1996 *Dressel 20 Inscriptions from Britain and the Consumption of Spanish Olive Oil, with a catalogue of stamps*. Oxford, Tempus Reparatum, BAR British Series # 250, 137 pp. ISBN 0 86054 839 2.
FUNARI, Pedro Paulo A. 1997. A note on Dressel 20 amphora stamps from Testaccio and the evidence from other archaeological sites, in J.M. Blázquez & J. Remesal (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio, Roma, II*. Barcelona, Universidad de Barcelona, 421-424.
FUNARI, Pedro Paulo A. Dressel 20 amphora inscriptions found at Vindolanda: the reading of the unpublished evidence, *Roman Frontier Studies 1989*. Exeter: Exeter University Press, 1991: 65-72.
FUNARI, Pedro Paulo A. *Dressel 20 olive oil consumption in Roman Britain, with a catalogue of stamps*. Oxford: BAR, 1996.
FUNARI, Pedro Paulo A.; ZARANKIN, Andrés 2001 Algunas consideraciones arqueológicas sobre la vivienda en Pompeya, *Gerión*, 19, 2001, 493-512.
HERTZ, Peter. *Studien zur römischen Wirtschaftsgesetzgebung. Die Lebensmittelversorgung*. Stuttgart, 1988.
HOPKINS, Keith. The transport of staples in the Roman Empire. *In: 8th International Economic History Congress*, Budapest: Akademiai Kiado, 1982, pp. 30-41.
LAUBENHEIMER, Fanette., 1999 Compte-Rendu de C. Carreras & P.P.A. Funari, Britannia y el Mediterraneo. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, 25, 1, 266-7.
OSCÄRIS, Pablo 1999, Carreras, C. e Funari, P.P.A. Britannia y el Mediterraneo: Estudios sobre el abastecimiento bético y africano en Britannia. *Boletim do CPA*, 4, 7, 225-230.
POLANYI, Karl. The economy as instituted process, en K. Polanyi et alii, *Trade and market in the early empires*. Nueva York, 1957: 234-269.
POLANYI, Karl. *The likelihood of man*. Nueva York, 1977.
REMESAL, José. Die *procuratores Augusti* und die Versorgung der römischen Heeres. *In: Akten der 14. Internationalen Limesskongress 1986 Carnutum*. Viena: DAW, 1990, pp. 55-65.
REMESAL, José. *Heeresversorgung und die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germanien*. Stuttgart: Kommissionsverlag, 1997.
REMESAL, José. *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madrid: Universidad Complutense, 1986.
REVILLA, Victor 1998 Reseña de Carreras & Funari, "Britannia y el Mediterraneo", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 8, 299-302.
WHITTAKER, Charles R. Trade and the aristocracy in the Roman Empire. *Opus* 4, 1985: 49-75.

* * *

Abstract: *The paper deals with the role of archaeological evidence to the understanding of the Roman military supply. It starts by discussing economic history issues, turning then to a case study: Roman Britain. It concludes stating the importance of archaeological evidence to the understanding of the subject.*
Keywords: *Archaeology – Roman Britain – Military Supply*